



Master Class Executivos de Valor

Transforme sua carreira com este curso inédito da FGV e do Valor

Últimos dias de inscrição →

# Para ter cidades mais verdes e inteligentes, é preciso pensar nos moradores, dizem especialistas

Urbanistas e executivos discutiram os avanços da agenda ambiental urbana e como os conhecimentos de povos originários são essenciais nesse processo

Por Ana Luiza Tieghi, Valor — São Paulo

30/09/2022 18h39 · Atualizado há 2 dias

As cidades precisam se transformar se quisermos ter um futuro mais sustentável. A tecnologia pode ajudar nesse processo, mas a mudança depende do engajamento das pessoas para acontecer. Essa é a conclusão do evento “Cidades verdes e inteligentes”, promovido pela Aya Earth Partners e pela Systemic, com apoio da Deloitte e do **Valor**, nesta sexta-feira (30).

Em painéis, urbanistas e executivos discutiram os avanços da agenda ambiental urbana e como os conhecimentos de povos originários são essenciais nesse

processo. Também participou do evento o cacique Biraci Júnior, da tribo Nova Esperança, que pertence ao povo Yawanawá, do Acre.

Os painéis de debates ocorreram no Aya Hub Pavillion, que faz parte do complexo Cidade Matarazzo, em São Paulo, e tiveram moderação de Marli Olmos, Repórter Especial do **Valor**.

O primeiro tema foi como conciliar uma cidade para as pessoas com mobilidade e sem geração de carbono. Thiago Sugahara, gerente de assuntos governamentais da Toyota do Brasil, lembrou que a empresa está promovendo uma cidade-laboratório que vai permitir testar soluções de mobilidade ecológicas, como carros autônomos movidos a hidrogênio. É a Woven City, em Shizuoka, no Japão. O projeto deve ser finalizado até 2025.

O advogado Sérgio Avelleda, coordenador do Núcleo de Mobilidade Urbana no Laboratório de Cidades do Insper e sócio-fundador da consultoria Urucuia, ressaltou que só a tecnologia não é suficiente para tornar uma cidade inteligente. É preciso que as pessoas que vivem nela tenham qualidade de vida e sejam prioridade.

Os problemas de mobilidade urbana, afirmou, são como uma febre que avisam que a cidade está doente. “Não adianta a cidade ser inteligente e a expectativa de vida em Moema ser 14 anos maior do que no Jardim Ângela”, disse.

O urbanista Washington Fajardo, ex-secretário de Planejamento Urbano do Rio de Janeiro, disse ser necessário desmontar a ideia de uma cidade segmentada por usos e abraçar o conceito de cidade compacta. Para isso, porém, reformar prédios existentes precisa ser tão fácil e lucrativo quanto criar novas áreas.

Ele disse que é algo que buscou fazer no Rio, com o programa Reviver Centro, que está trazendo projetos de moradia para a área central da capital fluminense. “Se fala de função social da propriedade, mas precisamos da função socioecológica da propriedade, e tem cenários que permitem aproveitar melhor a infraestrutura existente”, diz.

A mobilidade dos entregadores foi o tema da fala de Fabiane Carrijo, coordenadora de inovação logística do Ifood. Segundo ela, 18% das entregas são feitas com bicicletas ou motos e bicicletas elétricas, e a meta da empresa é chegar a 50% até 2025.

Parte desse esforço está no programa Ifood Pedal, com a Tembici, que levou bicicletas elétricas para seis cidades do país, e em outra parceria com a fabricante de motos elétricas Voltz, para vender veículos aos entregadores.

Perguntados por Olmos sobre conselhos que dariam a prefeitos, Avelleda disse que é preciso ter coragem para priorizar o transporte público e fazer reformas, sem temer as polêmicas. “Queria que o prefeito se preocupasse com a calçada como se preocupa com o pavimento”, afirmou. Gustavo Maia, fundador da startup Colab, ressaltou ser preciso trabalhar com urbanistas e trazer o cidadão para as decisões.

No segundo painel, sobre caminhos para uma economia circular nas cidades, os participantes destacaram que o plástico, material muito lembrado nas campanhas ambientais, não é um vilão por si só.

## **Papel da reciclagem de resíduos nas cidades**

Cristiane Rossi, gerente de projetos de economia circular da Braskem, que fabrica o material, disse que o uso consciente do plástico é importante e que ele melhorou a vida das pessoas. O problema é conseguir reciclá-lo. Novas técnicas, como a reciclagem química e a avançada estão sendo desenvolvidas para melhorar o

Outra iniciativa da empresa é atuar para aumentar o preço dos resíduos plásticos, menos valorizados do que outros materiais, como o alumínio, o que pode ajudar a elevar a quantidade de material disponível para reciclagem. “Um dos nossos maiores desafios é a aquisição de resíduo em volume suficiente para abastecer uma planta com grande capacidade”, disse.

Diretora de projetos socioambientais da cooperativa de coleta seletiva CooperCaps, Rhariane Ornelas concordou que o material não é o maior inimigo da reciclagem. “Ele representa 40% do faturamento das cooperativas”, afirmou. Só é preciso fazer o descarte correto.

A diretora afirmou que basta separar os resíduos domésticos em lixo seco e úmido. Nas cooperativas de reciclagem há triagem para avaliar o material. A CooperCaps tem hoje 5 plantas em São Paulo e reúne quase 400 cooperados.

A Solví, empresa de gestão de resíduos, pretende ter até 2026 uma planta de triagem de resíduos, para coletar recicláveis, em cada um dos seus 39 aterros, afirmou Diego Nicoletti, diretor técnico da companhia. A empresa utiliza o metano que provém dos resíduos orgânicos dos aterros, gás com forte impacto no efeito estufa, para gerar eletricidade em termelétricas.

Antes de adotar essa saída, a Solví já queimava o metano, transformando-o em gás

purificar o biogás (metano) e transformar em gás natural, para incluir na frota urbana e fechar o ciclo”, afirmou.

Elias Souza, que lidera a área de infraestrutura, governo e serviços públicos da Deloitte no Brasil, trouxe dados sobre a quantidade de lixo gerado por pessoa no país: em média, 1 quilo ao dia. Desse total, 63,8% é matéria orgânica, afirmou, o que aponta para o desperdício de alimento no país. O plástico compõe 11,4% do lixo.

Para Souza, não basta falar em reciclagem, é preciso discutir economia circular, o que exige repensar os planos de negócios das empresas. “É pensar se esse plástico vai ser reprocessado, se as pessoas vão recarregar os produtos”, afirmou.

Mikolaj Sekutowicz, cofundador da iniciativa de investimento de impacto Impacto One, lembrou que a desconexão do ser humano com a natureza vem de cidades antigas, como a Florença da época da Renascença. Segundo ele, era proibido ter plantas no local, feito majoritariamente de pedra, e hoje a temperatura chega a 45 graus Celsius no verão. “Nossas cidades começaram como antítese de natureza e isso foi acelerando de forma que é um espaço no qual não conseguimos mais sobreviver”, disse.

Para reverter isso, é preciso criar uma nova conexão com a natureza, afirmou. “Ainda dá tempo de fazer”, disse o cacique Biraci Júnior. “Mas não se constrói o futuro se

Daniela Rebouças, arquiteta e engenheira, ligada à consultoria Systemiq, lembrou que cidades como São Paulo e o Rio de Janeiro estão em área de mata atlântica e perdem a chance de serem referência de centro urbano que sabe conviver com a natureza.



— Foto: Banco de imagens

## Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por taboola

LINK PATROCINADO

**Os 10 momentos mais embaraçosos no esporte**

RETHINK STYLE

LINK PATROCINADO

**Atenção! Este jogo vai deixar até sua namorada com ciúmes!**

MMOHAVEN.COM

Jogar